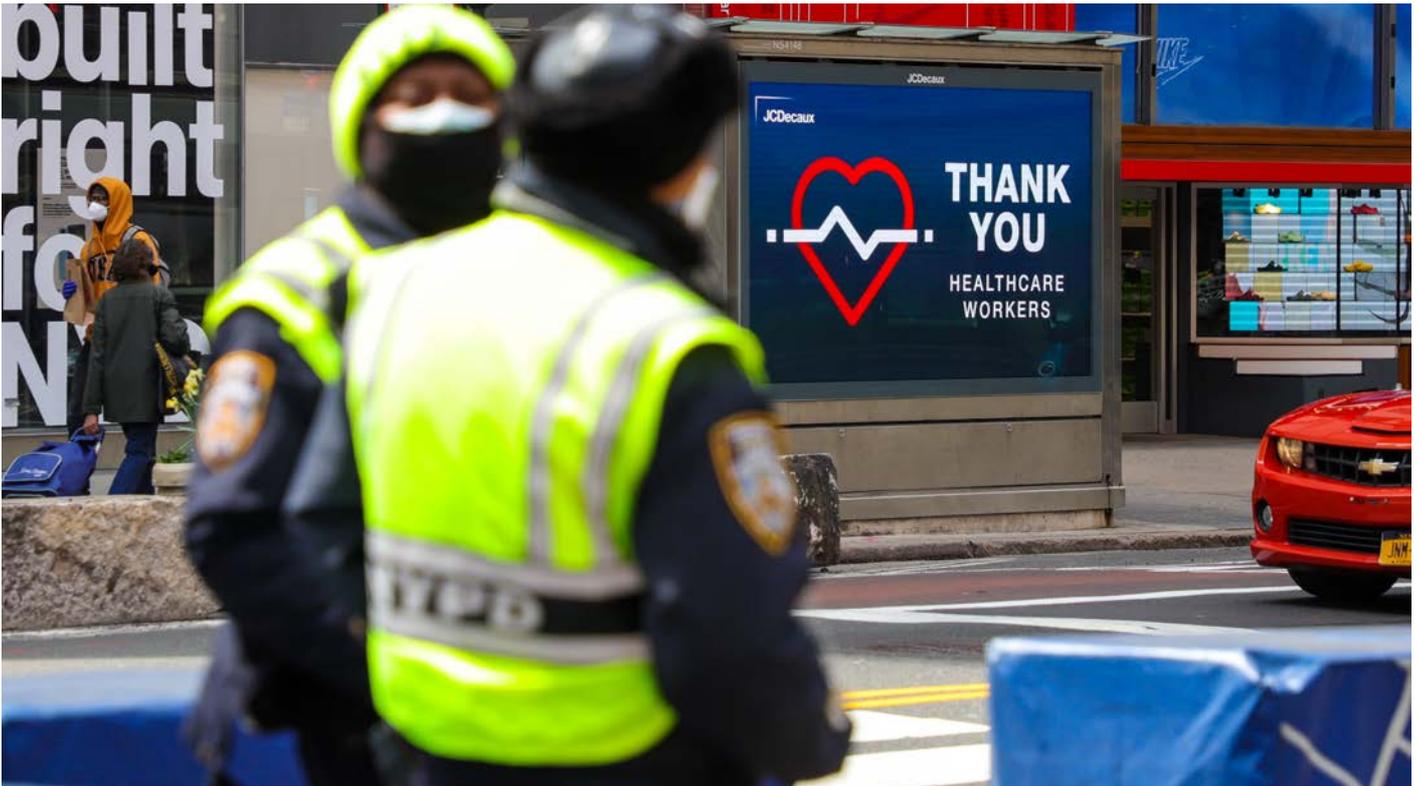


Policiamento e a Covid-19 nos Estados Unidos

Prioridades da polícia mudaram com a crise. Prisões por delitos leves foram limitadas e aumentou a atenção aos atos de violência doméstica contra mulheres, crianças e idosos

Elizabeth Leeds
21 de abril de 2020

BRAZIL PHOTO PRESS/FOLHAPRESS



Até meados de abril, a polícia de Nova York já havia registrado 24 mortes de membros da corporação pelos efeitos da COVID-19

Em todo o mundo, a pandemia da Covid-19 tem exposto o conflito entre as medidas e prioridades da saúde pública versus a necessidade de recuperação econômica. O campo da segurança pública, entretanto, recentemente acrescentou outra dicotomia potencial a esse debate: a de equilibrar saúde pública com segurança pública, incluindo aí a segurança dos agentes de segurança que estão trabalhando durante a pandemia. Em função disso, a polícia nos Estados Unidos está repensando, pelo menos temporariamente, a forma como o policiamento e a aplicação da lei são realizados.

Exemplos de todo o país mostram como as autoridades locais estão confrontando a crise através de formas de gestão inovadoras e do estabelecimento de novas parcerias. A importância de uma ação rápida, coordenada e decisiva para enfrentar a pandemia pôde ser constatada em Seattle, no estado de Washington, o primeiro epicentro do novo coronavírus nos Estados Unidos. Os primeiros casos detectados no estado de Washington datam de 28 de fevereiro e já no dia seguinte o governador declarou estado de emergência; no dia 2 de março, Seattle ativou um Centro de Operações de Emergência, estabelecendo em poucos dias uma linha direta para que os policiais pudessem realizar testes da doença, uma ação que transformou a cidade em um modelo para uma resposta eficaz e rápida ao vírus.

Durante a crise, os critérios de controle da criminalidade alteraram as prioridades da polícia em relação a quem é preso, e por quais infrações e crimes. Departamentos de polícia de todo o país têm limitado prisões em caso de delitos leves para não aumentar a população carcerária. No entanto, detenções por violência doméstica, seja contra mulheres, crianças ou idosos, continuam sendo uma prioridade, especialmente porque notícias do mundo inteiro têm demonstrado um aumento acentuado dos incidentes de

violência doméstica e a dificuldade de realizar a denúncia durante o isolamento. Os elevados níveis de estresse, associados a perda de emprego e renda, assim como a presença maior das crianças na casa e o aumento do consumo de álcool, são algumas das condições que contribuem para o aumento da violência nos lares no decorrer do confinamento imposto pela atual crise.

Para enfrentar o problema da subnotificação de denúncias, a polícia e os abrigos destinados a vítimas de violência doméstica desenvolveram parcerias inovadoras para permitir que as mulheres possam solicitar ajuda. Em Cambridge, Massachusetts, por exemplo, mercearias, farmácias e salões de manicure, que costumam ser frequentadas por mulheres, exibem cartazes da campanha “De quarentena, mas não sozinha”, uma forma de alertar as vítimas de violência doméstica a acionar a polícia e a procurar abrigos temporários. Os funcionários dessas lojas recebem treinamento especial para abordar mulheres sobre as quais pare a suspeita de que são vítimas de agressores em suas casas.

Em grande parte das jurisdições dos Estados Unidos, a polícia está sendo obrigada a usar equipamentos de proteção, como máscaras e luvas. De todo modo, a falta de equipamentos de proteção é um problema também para os policiais, assim como tem sido para os profissionais da saúde. Para suprir essa escassez, fundações e agentes do setor privado e lojas que utilizam máscaras para seu trabalho diário, como lojas de tintas, construtoras e oficinas mecânicas, estão doando equipamentos para a polícia. Pessoas que possuem impressoras 3D em casa, também começaram a produzir máscaras para doar aos profissionais da segurança pública. Além disso, departamentos policiais e hospitais com excesso de equipamentos têm compartilhado seus suprimentos por todo o país. E hotéis fechados em razão da pandemia estão permitindo seu uso pela polícia em plantões ao invés de deixar que voltem para suas casas e potencialmente infectem alguém. Como disse um oficial do departamento, enviar policiais às ruas nesse momento sem a devida proteção é o equivalente a obrigá-los a andar sem coletes à prova de balas.

Os desafios para a polícia neste momento são, desse modo, diferentes daqueles enfrentados em tempos “normais”: os níveis de estresse, já elevados em circunstâncias normais, são exacerbados durante a pandemia; conflitos com aqueles que protestam contra as ordens de “ficar em casa” são perigosos de formas inauditas, assim como manter a confiança com as comunidades de baixa renda e imigrantes, especialmente porque as maiores taxas de infecção estão dentro dessas comunidades, o que aumenta a vulnerabilidade e o risco de infecção e morte dos policiais. Até 15 de abril, Nova York tinha 2200 membros do Departamento de Polícia com testes positivos do novo coronavírus e outros 24 membros da corporação haviam morrido pelos efeitos da COVID-19.

Sendo assim, não apenas as populações civis, escolas e empresas se modificaram com o advento da pandemia, mas também as polícias do mundo inteiro. Quais destas mudanças se tornarão permanentes é, entretanto, algo ainda a ser visto.

Elizabeth Leeds

Presidente de honra do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pesquisadora Associada do Centro de Estudos Internacionais do MIT (Massachusetts Institute of Technology)

<https://backup.forumseguranca.org.br/seguranca-no-mundo1/template-1-seguranca-no-mundo-8o56u-ycqrt-sc24r-tafaf-6gr5n-vibpm-2jr9s>

